



DA UNIVERSIDADE PARA A VIDA: O LEITOR EM CONSTRUÇÃO (FROM UNIVERSITY TO LIFE: THE READER IN PROCESS)

Cinthia Maria Ramazzini REMAEH (USC/PG-UNESP)

ABSTRACT: *This paper, which is a contribution to the formation of the critical reader, presents as theoretical premisses H. R. Jauss/ W. Iser's concepts about the reader response critical theory and the esthetic effect. It reports a field experience with critical reading development involving the author and a group of readers who had just begun attending university.*

KEYWORDS: *Development of readers; Esthetic of reception; Communication.*

0. Introdução

A leitura é, sem dúvida, a atividade cognitiva que participa da maior parte das situações. É um instrumento poderoso, quer na renovação pedagógica, quer na renovação social. No entanto, o avanço científico e tecnológico, bem como o crescente consumismo têm, por vezes, deformado os valores humanos, preparando mentes para não “pensar” e retirado à leitura seu papel de alta relevância.

Sendo assim, muitos alunos chegam à Universidade com conhecimentos aleatoriamente distribuídos, com dificuldades na concretização das relações de coordenação e subordinação das idéias, mal desejando ler sua própria língua de modo elementarmente corrente. Quanto a uma metodologia de leitura, a maioria possui hábitos inadequados de abordagem de textos. Tomam-nos como única verdade e não como ponto de partida para a reflexão e crítica dos problemas do dia-a-dia, uma vez que se encontra despreparada para a execução de tais tarefas. A própria Universidade, lugar de crítica, reflexão e produção de conhecimento, mesmo se preocupando com a preparação de um exame vestibular, no qual a redação seja resultado da leitura e correlação de textos ou fragmentos destes, acreditando, assim, que o aluno precisará observar, refletir, associar, analisar e formar uma opinião crítica, atestando amadurecimento e preparo para bem usufruir do que lhe será oferecido durante o seu curso universitário, tem recebido indivíduos aquém de sua expectativa. As notas mais baixas obtidas pelos alunos em tais exames são exatamente as de redação, levando-nos a constatar que o quesito leitura deste futuro calouro apresenta problemas e a sua linguagem, principal bem para se penetrar na cultura, bem como para produzi-la, está apenas no plano da reprodução.

Assim, motivados e “incomodados” por esse perfil de leitor universitário, com o qual muitas vezes nos deparamos em nossa prática profissional, propusemos um caminho para o desenvolvimento de habilidades necessárias a uma leitura efetivamente crítica, em que o leitor busque as causas dos fatos e se interesse pelos porquês mais profundos dos textos. Por esses motivos, reunimos em um grupo de estudos, alunos



recém-ingressados na Universidade e procuramos, apoiados na estética da recepção, a qual enfatiza o papel do leitor, verificar como era a relação desses graduandos com a leitura e em seguida, apresentar-lhes, em nível crescente de dificuldade, textos que viabilizassem a experiência da compreensão, interpretação e atualização, “despertando” seus olhares para novas possibilidades na relação leitor/texto, que os impulsione para uma leitura verdadeiramente crítica.

1. Perspectiva teórica

Primeiramente, cumpre-nos a necessidade de repensarmos a recepção, ou seja, a relação leitor/texto. Como acontece?

De acordo com Michel Charles (1997), a leitura faz parte do texto e o leitor é por ele construído. É preciso estar no interior do texto para poder ler. Para “entrar” no texto, o leitor tem que realizar um processo pelo qual a relação tempo/espço passado fique simétrica em relação ao tempo/espço presente. Passado, presente, futuro implicam operações simultâneas e de similaridade. Também do saber individual do leitor depende a recepção. É o que chamamos de repertório, ou seja, a soma de tudo que já leu, viveu, experimentou. Apesar de individual, a leitura é um processo coletivo, pois o leitor lê com as “lentes ideológicas de seu tempo”, afinal, o homem é fruto do contexto sócio-político em que está inserido.

Além disso, podemos afirmar, que mesmo inconscientemente, ao buscar o texto literário, o leitor faz um jogo de pergunta e resposta, buscando atingir o significado potencial da obra, permitindo afirmar que ler é um constante ir e vir do já lido com o novo. Ainda que sutis, o texto artístico (como qualquer outro) apresenta indicações que orientam a recepção e o público, que mesmo caracterizado por uma certa predisposição, acaba por ficar atrelado às normas internas do texto.

Para Iser (1996:13), o processo comunicativo “abrange desde a reação do autor ao mundo, até sua experiência pelo leitor”. Portanto, a leitura de um texto é um processo complexo, pois o mesmo traz marcas de uma época, de um autor e tem por objetivo persuadir o leitor.

Cientes deste processo, buscamos em H. R. Jauss (1994), que também assim encarou esta relação leitor/texto, um melhor entendimento da mesma. Para Jauss, ler comporta três etapas: compreensão, interpretação e aplicação. Fundamentada na lógica da pergunta e da resposta, é a compreensão que deflagra o processo todo. Assim como Gadamer, afirma que a compreensão equivale “a compreender algo como resposta”, do que se deduz que se o texto corresponde à resposta, compreendê-lo, por sua vez, é chegar às perguntas que respondeu. Essa compreensão começa pela percepção estética e continua na leitura retrospectiva, quando se dá a interpretação, momento em que se volta do fim para o começo ou do todo para o particular. Na seqüência, tem-se a leitura histórica, que recupera a recepção de que a obra foi alvo ao longo do tempo, correspondendo à etapa da aplicação, em que o intérprete verifica seu lugar na cadeia temporal, deixando-se interrogar, tanto quanto interroga o texto. É a partir daí que temos o alargamento do que Jauss chama de horizonte de expectativa, a perspectiva que abarca e encerra o que pode ser visto a partir de um certo ponto. Para ele, através de sucessivas recepções, o repertório do leitor é modificado, ampliando-se, tornando-se mais enriquecido. O grande desafio é se deixar envolver e passar além do mero sentido



superficial das palavras, para a observação do como a mensagem é dita e o porquê de ser expressa numa dada forma. O que nos faz concluir como Krause (1983), que “ler é a metonímia da vontade de entender o mundo”.

2. O leitor em construção

Para levarmos a efeito nossa proposta de contribuirmos com a formação crítica do leitor universitário, primeiramente formamos um grupo de leitura constituído por alunos recém-ingressados na Universidade. Após os entendimentos de praxe, apresentamos aos mesmos o texto O homem e a galinha (anexo), versão de Ruth Rocha da fábula A galinha dos ovos de ouro, por sabermos ser ele uma forma narrativa simples e popular, a ponto de resistir através dos tempos e, simultaneamente, ser maleável o suficiente para incorporar novos repertórios narrativos e por ajustar-se às visões de mundo de diferentes épocas, prestando-se, perfeitamente, à nossa idéia de um aprendizado gradual, partindo de uma forma narrativa simples, para formas de produção mais complexas. Levando em consideração que todo indivíduo, ao se aproximar de um texto, traz consigo um horizonte de expectativas, uma de nossas principais tarefas passou a ser a reconstrução desse horizonte, com a finalidade de esclarecer o relacionamento da obra com o leitor. Nessa apresentação do texto ao grupo, convém ressaltar que foi evitada a leitura em voz alta feita pelo professor, pois isso impediria aos ouvintes o uso da liberdade inerente ao ato de ler. Assim, nos primeiros depoimentos apresentados após uma única leitura dos texto, foi possível perceber tanto visões pragmáticas como ideológicas, das quais destacamos duas, aleatoriamente escolhidas dentre os depoimentos apresentados:

“É possível perceber que é a estória de uma galinha e que o dono vai dando cada vez menos alimentos para ela”.

“Ela era uma galinha explorada”.

Observa-se que neste primeiro contato, o que prevalece é o envolvimento com o enredo e a memorização dos fatos narrados. Mas... nenhuma leitura pode ser definitiva, pois o texto apresenta aspectos latentes que, a cada nova leitura, podem ser percebidos de maneira diferente. Desse modo, outras leituras do texto em questão foram realizadas, agora com alguma intervenção de nossa parte, alertando para a necessidade de se buscar os vazios, os pontos de indeterminação que o emissor/autor deixa ao produzir seu texto, tornando a leitura participativa. O resultado, conforme colhemos através dos depoimentos dos alunos, foi uma conscientização, praticamente geral, da necessidade de voltar ao texto várias vezes e o quanto a descoberta e preenchimento dos “vazios” vai despertando a curiosidade do leitor, rompendo, inclusive, com a falta de prazer em relação ao ato de ler. Ficou visível, o quanto nesta etapa ocorre uma leitura “afetiva”, revelando-se o sentido, a partir do repertório do leitor e o modo como se relaciona com o texto. É nesta etapa também que se efetiva o diálogo entre o texto e o leitor e é quando este assume o papel de co-autor.

Continuamos, como era nosso papel, aguçando o olhar do leitor, instigando-o a continuar na busca, tornando-o, no bom sentido, insatisfeito com a incompletude do



texto. É função do professor oferecer subsídios para que o aluno-leitor passe do momento de fruição sem compromisso, quando a empatia e a experiência estética afloram, para um nível racional, de caráter reflexivo e dialógico entre texto e leitor, pois ao fazer a pergunta ao texto, esse leitor direciona uma pesquisa em busca do conhecimento do ser e de sua essência. Deve ser feito um jogo de pergunta e resposta, buscando atingir o significado potencial da obra. Algo como... “Numa primeira leitura, o que o texto me diz ?” “Como eu posso conversar com este texto?” “Que tipo de texto é este?” E assim, sucessivamente.

No caso dos participantes de nosso grupo de leitura, foi possível perceber alterações no modo como passaram a ler, uma vez que passaram a refletir mais sobre o texto, sua linguagem, conteúdo, reduzindo a assimetria inicial. À medida que prosseguiram a leitura, foram deixando de lado suposições, crenças, fazendo deduções e previsões cada vez mais complexas, lendo, ao mesmo tempo, para trás e para frente, prevendo e recordando.

Chegamos, desse modo, ao momento de extrapolar a leitura comum, passando-se da compreensão obtida com um leitura cognitiva, para a interpretação, um tipo de leitura argumentativa. Assim, a partir de um questionamento surgido em um de nossos encontros (“Será que a autora fez uma associação com a fábula A galinha dos ovos de ouro?”) , perguntamos se seria possível que um texto conversasse com outro e como tal ocorreria. Apresentamos, então, a fábula de La Fontaine e propusemos uma leitura comparativa, buscando observar como Ruth Rocha teria atualizado o texto, ou seja, a fábula. Também foi solicitado que procurassem pesquisar sobre a modalidade fábula e em que contexto ela acontecia. Tal foi feito. Os resultados surpreenderam. Num processo de interação texto/sistema cultural do leitor, houve a redução da assimetria e o alargamento do horizonte de expectativa. Propusemos, na seqüência, devido ao tipo de interpretação obtida, uma pesquisa sobre o capitalismo, pois tanto a fábula como a versão de Rocha trabalham com a relação explorador/explorado . Mais uma vez o progresso da leitura.

Ao término de nossos encontros, que foram breves (nesta primeira etapa), mas muito enriquecedores, vale a pena “ouvirmos” de um dos próprios participantes, como passou a entender a leitura:

“ Achei muito bom ler este texto da galinha. Devíamos aprender a ler deste modo desde pequenos. Talvez, assim, até aprendêssemos a escrever melhor. Agora, quando eu for ler, já sei que preciso prestar mais atenção em alguns detalhes, bem como verificar com que outros textos, o que tenho em mãos ‘conversa’. Preciso estar atento ao que posso descobrir com os olhos do meu tempo. Sei, depois deste tempo no grupo de leitura, que há várias maneiras de ler: Ler por ler ; ler por prazer; ler pra estudar; ler pra aprender; ler pra crescer e viver de verdade. E é assim, que um universitário, como eu, deveria pensar e fazer. Dei o primeiro passo . Só isso.”

RESUMO: Contribuição para a formação do leitor crítico. Apresenta como pressupostos teóricos, os conceitos de H. R. Jauss/W. Iser sobre estética da recepção e o efeito estético. Traz o relato de uma experiência no campo do desenvolvimento da leitura crítica, vivida pela autora junto a um grupo de leitores recém-ingressados em Universidades.



PALAVRAS-CHAVE: Formação de leitores; Estética da recepção; Comunicação.

ANEXO

O homem e a galinha

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.

Era uma galinha como as outras.

Um dia a galinha botou um ovo de ouro.

O homem ficou contente. Chamou a mulher:

- Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

- Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem da galinha. Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha. Dava pão-de-ló, dava até sorvete.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

- Pra que este luxo com a galinha? Nunca vi galinha comer pão-de-ló...
Muito menos sorvete!

Então a mulher falou:

- É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!

O marido não quis conversa:

- Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.

Aí a mulher disse:

- E se ela não botar mais ovos de ouro?

- Bota sim! – o marido respondeu.

A mulher todos os dias dava farelo à galinha. E a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

- Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.

- E se ela não botar mais ovos de ouro?

- Bota sim! – o marido respondeu.

Aí a mulher começou a dar milho para a galinha. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

- Pra que este luxo de dar milho para a galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!

- E se ela não botar mais ovos de ouro? – a mulher perguntou.

- Bota sim! – o marido falou.

E a mulher soltou a galinha no quintal. Ela catava sozinha a comida dela. Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Um dia a galinha encontrou o portão aberto. Foi embora e não voltou mais. Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa, onde tratam dela a pão-de-ló.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria e metodologia literárias*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.
- CHARLES, Michel. *Rhetorique de la lecture*. Paris: Seuil, 1997.
- CONTENTE, Madalena. *A leitura e a escrita – estratégias de ensino para todas as disciplinas*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- ECO, Humberto. *Os limites da interpretação*. Lisboa: DIFEL, 1996.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler.(em três artigos que se completam)*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982.
- GADAMER, H. *Vérité e méthode*. Georg. S.n.t.
- GLAWINSKI, M. *Reading, interpretation, reception. New literary history*. Trad. Vânia C. dos Santos Clementino. University of Virginia, 1979.
- ISER, Wolfgang. *The act of reading. A theory of a esthetic response*. London: Routledge & Keagan Paul. 1978.
- _____. *O ato da leitura. Uma teoria do efeito estético*. São Paulo, 1986.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção*. Trad. de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- KRAUSE, Gustavo B. *Ler não leva a escrever*. In: JUNQUEIRA, Maria Aparecida (Org). *Anais do I Encontro Nacional de Professores de Redação e Leitura do 3º Grau*. São Paulo: PUC Publicações, 1983.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.